



DUPLAS EDUCATIVAS NA CRECHE: PROBLEMATIZANDO O MATERNAL E O PATERNAL NA CODOCÊNCIA COM BEBÊS

Educational pairs in daycare: problematizing the maternal and the paternal in co-teaching with infants

Michelle Gonçalves do Nascimento FARIA

Prefeitura de São Paulo
Rede Municipal de Educação
São Paulo, Brasil

michelle.faria@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-7910-6232> 

Daniela FINCO

Departamento de Educação
Universidade Federal de São Paulo
São Paulo, Brasil

dfinco@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-5731-1091> 

Patrícia Dias PRADO

Departamento de Metodologia do Ensino e Educação
Comparada
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

patprado@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-8790-1594> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios da docência compartilhada em duplas educativas em creches, compostas por professoras mulheres e professores homens, no trabalho de educação e cuidado de bebês e crianças bem pequenas. Considerada um desafio cultural para as instituições de Educação Infantil, a codocência permite problematizar as relações de gênero que sustentam e organizam o trabalho docente, especialmente nas construções sociais em torno do maternal e do paternal. O estudo baseia-se em pesquisa de mestrado concluída realizada em creches da rede pública de São Paulo, por meio de análise documental e entrevistas semiestruturadas com cinco duplas educativas. Os resultados evidenciam tanto as desigualdades de gênero presentes na profissão docente quanto às possibilidades de resignificação da prática, ao ampliar a corresponsabilização e fortalecer a dimensão ética do cuidado. Conclui-se que a creche pode se configurar como espaço privilegiado de transformação social e de construção de uma sociedade mais democrática e plural.

PALAVRAS-CHAVE: Duplas educativas. Codocência na creche. Maternal e paternal. Estudos de gênero. Educação e cuidado.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the challenges of shared teaching in educational pairs in daycare centers, composed of female and male teachers, in the work of educating and caring for babies and very young children. Considered a cultural challenge for Early Childhood Education institutions, co-teaching makes it possible to question the gender relations that sustain and organize teaching work, especially regarding the social constructions surrounding the maternal and the paternal. The study is based on a completed Master's research conducted in public daycare centers in São Paulo, through document analysis and semi-structured interviews with five educational pairs. The results highlight both the gender inequalities present in the teaching profession and the possibilities of re-signifying practice by expanding co-responsibility and strengthening the ethical dimension of care. It is concluded that daycare centers can be configured as privileged spaces for social transformation and for building a more democratic and plural society.

KEYWORDS: Educational pairs. Co-teaching in daycare. Maternal and paternal. Gender studies. Education and care.

INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres, lutando pelo atendimento de necessidades básicas em seus bairros, incluíram a creche na agenda de reivindicações dos movimentos que protagonizaram, a qual entendiam como um desdobramento de seu direito ao trabalho, à vida na sociedade e à participação política. O movimento feminista trouxe para a luta a crítica ao papel tradicional da mulher na família e a defesa da responsabilidade de toda a sociedade em relação à educação das novas gerações, reconhecendo a creche como um espaço de transformação da dinâmica das relações sociais, familiares e profissionais em relação às/aos bebês e crianças pequenas (Finco *et al.*, 2015).

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas, possui características específicas envolvendo o cuidar e educar na ação docente dessa etapa da educação (Haddad, 1997). Desse modo, pensar nas questões relacionadas aos cuidados e à educação das crianças pequenas e sua socialização, legitimadas pela instituição como espaço educativo de direito delas, traz o desafio de refletirmos sobre as discrepâncias e desigualdades que permeiam essas relações.

Ao retomar o caráter histórico da docência na Educação Infantil, pesquisas apontam como ela foi considerada como uma profissão de gênero feminino, sendo exercida principalmente por mulheres, pois estava atrelada às funções tradicionalmente femininas como o cuidado, a vigilância e a educação (Campos, 1994; Saporoli, 1997; Carvalho, 1999; Sayão, 2005).

A presença maciça das mulheres também é uma característica que marca a história da Educação Infantil, pois diferentemente das outras etapas da Educação Básica, a qual se iniciou com os homens e depois foi se feminizando, a Educação Infantil historicamente se iniciou com mulheres. A construção social de que precisa ser mulher para atuar como professora de crianças pequenas reforça o estereótipo de gênero, uma suposta aptidão feminina, que influencia o cotidiano nas instituições e a formação da identidade docente (Sayão, 2005). Desta forma, podemos compreender como a divisão sexual do trabalho é uma prática social e simbólica que se estrutura em nossa sociedade e que ainda se mostra “invisível”, evidenciando que é necessário discutir a dimensão do cuidar ligada aos homens (Prado *et al.*, 2020).

Diante desse contexto, trazemos na proposta deste artigo o desafio de analisar o trabalho compartilhado pelas duplas educativas, envolvendo as práticas educativas de professoras e professores, que envolvem o cuidado e a educação de bebês e crianças bem pequenas na creche, fruto de pesquisa de mestrado em Educação concluída (Faria,

2023). Esta investigação parte do conceito de dupla educativa utilizado por Alfredo Hoyuelos (2019), tratando das complexidades e das relações na Educação Infantil. Além disso, destaca os desafios da docência na creche, ressaltando a importância de pensar a codocência como estratégia de corresponsabilização e de análise das construções sociais do maternal e do paternal na prática docente.

Neste sentido, as duplas educativas são consideradas desafios culturais colocados para as instituições de Educação Infantil e, refletir sobre elas, pode nos ajudar a desvendar as relações de gênero que permeiam a organização do trabalho docente nas creches, trazendo para essa instituição um enfoque formativo, um modo de realizar cotidianamente as possibilidades democráticas.

Desta forma, a ideia de coeducação é uma inspiração que permite problematizar a ideia dos papéis femininos e masculinos como elementos opostos e dicotômicos, os quais trazem desafios para o processo educativo. Tais ideias apontam para a discussão sobre o cuidado infantil, conecta a problemática da reprodução das desigualdades de gênero e da divisão sexual do trabalho em nossa sociedade e, consequentemente, na creche.

Refletir sobre as relações de trabalho da dupla educativa, pode nos ajudar a desvendar as relações de gênero que permeiam a organização do trabalho docente nas creches, trazendo possibilidades para pensar transformações nas relações humanas, envolvendo uma sociedade mais digna e plural, na busca por eliminar preconceitos e discriminações.

Para Hoyuelos (2019), a dupla educativa atua com a descentralização dos saberes e fazeres pessoais. As ações são realizadas por meio de discussões sobre os pontos de vista de cada uma/um e as decisões são compartilhadas com bebês e crianças bem pequenas dos agrupamentos. Para que isso ocorra, é exigido da dupla educativa maturidade emocional e profissional, uma vez que cada integrante da dupla tem voz, no que diz respeito aos processos educativos. Há um intercâmbio de concepções, o que gera reflexões, debates e confrontos.

Afinal, educar é um ato político e público, assim como, conviver com as diferenças na creche é confrontar (Bufalo, 1999) e é base da construção da Pedagogia da Educação Infantil. Assim, o trabalho em dupla educativa “rompe, culturalmente, com o modelo tradicional de uma professora com um grupo de crianças” (Hoyuelos, 2019, p. 120), quebrando a rigidez de ideias engessadas e desestabilizando as normas (Faria, 2023), revelando a necessidade de rompimento com o modelo cultural e tradicional de

construção das feminilidades e masculinidades na relação entre gênero e docência (Prado; Anselmo, 2020).

Para explicar as relações estabelecidas pela dupla educativa, Hoyuelos (2019) também apresenta importantes desafios de pensar na consolidação de diferentes princípios da relação, como o princípio parte-todo, o princípio dialógico, o princípio da complementaridade, o princípio da descontinuidade horizontal e vertical, e o princípio da contradição. Consideramos que tais princípios estão presentes nas escolhas ou não escolhas das professoras e dos professores na composição das duplas educativas, elencados por cada uma/um, a partir de sua maneira de compreender a profissão e o mundo, as facilidades e dificuldades que elas e eles vivenciam e observam ao realizar o trabalho educativo com bebês, crianças bem pequenas e suas famílias.

Hoyuelos (2019) destaca ainda, nesta relação, a dimensão do caráter ético-educativo, a qual pressupõe que educar significa confrontar e discutir publicamente interpretações possíveis sobre a maneira de fazer a educação, abrir-se à crítica, estar disposta/o a expor-se às considerações das/os demais, aprender a realizar apreciações e avaliações sobre o trabalho de outras/os profissionais e distingui-las de críticas pessoais. Assim, a dupla educativa proporciona mais riqueza e complexidade ao grupo, mais modelos, mais conflitos sociocognitivos, mais concepções, pois educar demanda continuamente entrar em consenso e dissenso.

Tais proposições ajudam-nos a refletir sobre as dificuldades e as facilidades de atuar em duplas e permite-nos ampliar a discussão, problematizando o princípio da complementaridade que, segundo Hoyuelos (2019), é o de maior importância, tendo em vista as diferentes posturas, os dissensos, as diferenças de ser e agir, permitem às/aos docentes um equilíbrio profissional. Além de compreender as contradições presentes no trabalho docente que compartilham esse arranjo laboral, podemos estabelecer possibilidades qualitativas de formas organizadas de estruturar e colocar em prática a tarefa educativa com bebês e crianças bem pequenas. Tal desafio provoca-nos a construir um olhar sobre como as estruturas de gênero estão presentes no trabalho docente da dupla educativa nas creches, como uma forma de compreender estas instituições educativas, sua organização e a profissão docente, evidenciando a dimensão ética do cuidado no centro do exercício da docência.

Deste modo, iniciamos descrevendo os procedimentos metodológicos e o contexto da pesquisa, os documentos e os dados disponibilizados em sites oficiais da rede municipal de Educação de São Paulo, assim como caracterizamos as/os docentes participantes da pesquisa. A seguir, trazemos as análises dos materiais produzidos na

pesquisa, abordando sobre o percurso profissional: tornar-se docente de creche, com as representações e as imagens construídas a respeito desta profissão.

Refletimos sobre a escolha da profissão, sobre a formação inicial e em serviço, na especificidade de ser docente de bebês e crianças bem pequenas e sobre a presença e a ausência dos estudos sobre cuidado na formação inicial. Por fim, trazemos a discussão sobre aprender a cuidar e atuar nas duplas educativas, analisando as dimensões de cuidado e as disparidades de gênero, as questões relacionadas à inserção da/o profissional na creche, tratando do período de adaptação e aceitação da mulher e do homem, envolvendo as desigualdades de gênero na profissão docente, tratando também sobre a atuação direta com o corpo e cuidados com bebês e crianças bem pequenas.

Destacamos que as duplas educativas enfrentam desafios relacionados às representações sociais de gênero, como observado em Faria (2023), em que professoras e professores narraram tensões e aprendizados decorrentes da experiência de compartilhar práticas educativas. Essas narrativas evidenciam como a docência coloca em pauta a divisão sexual do trabalho, a naturalização de papéis de cuidado associados ao feminino e as resistências enfrentadas por homens ao exercer funções tradicionalmente vistas como maternas. Ao mesmo tempo, elas também revelam potencialidades de resignificação da docência, ao criar espaços de negociação, complementaridade e corresponsabilização entre mulheres e homens na Educação Infantil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa utilizou análise documental e entrevistas semiestruturadas com cinco duplas educativas, compostas por uma professora e um professor atuando em creches da rede municipal de São Paulo. As entrevistas buscaram compreender como se constituem as relações de gênero na prática da docência compartilhada, especialmente na educação e cuidado de bebês e crianças pequenas.

A rede de creches¹ do município de São Paulo possui atualmente 372 unidades, contando com 11.967 docentes de Educação Infantil efetivas/os, sendo 11.798 professoras mulheres e 169 professores homens atuando na creche. A seleção e escolha das/os colaboradoras/es da pesquisa deu-se a partir de uma amostragem com base na

¹ Dados disponíveis no site da prefeitura de São Paulo, referentes ao ano de 2021, em: <http://dados.prefeitura.sp.gov.br/dataset/microdados-servidores-perfil>. Acesso em 11 mai. 2024.

metodologia “Bola de Neve”, que funciona a partir da indicação de uma das pessoas participantes de outras pessoas que também passam a fazer parte e, assim, sucessivamente (Dewes, 2003).

A escolha das/os docentes participantes da pesquisa deu-se por sua condição de trabalharem em dupla educativa composta por uma professora mulher e um professor homem, buscando contemplar esta diversidade de experiências de gênero e reflexões sobre o tema. A seleção envolveu 10 profissionais que compõem cinco duplas educativas, sendo 5 professoras mulheres e 5 professores homens, com idade entre 33 e 54 anos, que se declararam heterossexuais e casadas/os.

O roteiro das entrevistas semiestruturadas envolveu questões sobre a raça; estado civil; se era mãe/pai; formação docente; escolha profissional; atuação com bebês; o ingresso na carreira; trajetória; tempo na Educação Infantil; o trabalho docente; a composição da dupla educativa e as questões de gênero envolvidas no trabalho educativo compartilhado pela dupla. Alguns destes dados foram organizados nas Tabelas 1 e 2 abaixo:

Tabela 1 - Duplas educativas participantes da pesquisa

Nomes fictícios	Tempo juntas/os em dupla	Idade das crianças	Agrupamento
Helena/Alex	2 anos	1 ano a 1 ano e 11 meses	Berçário 2
Reginalda/Edmilson	6 meses	1 ano a 1 ano e 11 meses	Berçário 2
Franciele/Elton	1 ano	1 ano a 1 ano e 11 meses	Berçário 2
Lindalva/Ivan	6 anos	0 a 11 meses	Berçário 1
Aline/Manuel	4 anos	1 ano a 1 ano e 11 meses	Berçário 2

Fonte: Faria (2023).

Tabela 2 - Caracterização das/os docentes participantes da pesquisa

Nome Fictício	Sexo/Etnia/Orientação sexual/Estado civil/pai/mãe	Idade	Formação	Tempo na Educação	Tempo na creche	Atuou na Gestão	Atua em dupla com
Alex	Homem negro heterossexual casado, sem filhas/os	36 anos	Pedagogia	7 anos	4 anos	Não	Helena
Aline	Mulher negra heterossexual casada, grávida	33 anos	Pedagogia	12 anos	6 anos	Não	Manuel
Edmilson	Homem negro, heterossexual, casado, pai	38 anos	Magistério Pedagogia, Letras Pós em Educação Especial	14 anos	8 anos	Sim	Reginalda

Elton	Homem negro, heterossexual, casado, pai	51 anos	Matemática e Física Pedagogia	27 anos	4 anos	Não	Franciele
Franciele	Mulher branca, heterossexual, casada, mãe	54 anos	Magistério História Pós-graduação em Educação	25 anos	20 anos	Não	Elton
Helena	Mulher, negra, heterossexual, casada, mãe	45 anos	Magistério Pedagogia História	21 anos	6 anos	Não	Alex
Ivan	Homem negro, heterossexual, casado pai	41 anos	Magistério Música Pedagogia História	19 anos	17 anos	Não	Lindalva
Lindalva	Mulher negra, heterossexual, casada Mãe	50 anos	Magistério Pedagogia Pós em Educação Especial	35 anos	25 anos	Não	Ivan
Manuel	Homem preto, heterossexual, casado, sem filhas/os	41 anos	Educação Física Pedagogia	7 anos	5 anos	Não	Aline
Reginalda	Mulher, parda, heterossexual, casada mãe	41 anos	Magistério Física	17 anos	9 anos	Não	Edmilson

Fonte: Faria (2023).

SOBRE O PERCURSO PROFISSIONAL: TORNAR-SE DOCENTE DE CRECHE

Ao analisar o trabalho docente das duplas educativas temos como importante elemento a ser destacado o cuidado atrelado à educação. Por muito tempo, a educação e o cuidado de bebês e crianças bem pequenas estavam ligados ao assistencialismo, a uma educação menor, à prestação de serviço. Para Sayão (2005, p. 18), o cuidado é historicamente desconsiderado, permanecendo invisível, considerado como parte das capacidades a serem individualmente desenvolvidas por cada docente: “[...] o corpo está no cerne do debate acerca dos cuidados na Educação Infantil e, talvez por isso, foi negligenciado ao longo da história da educação de zero a seis anos”.

Quando perguntamos às/aos professoras/es participantes da pesquisa: o que significa a docência com bebês? O cuidado apresenta-se como elo de toda a ação educativa, no diálogo que convida as/os bebês a protagonizarem as ações que lhes dizem respeito. As/os docentes demonstram que avançaram na compreensão da vinculação do cuidado restrito ao corpo, passando a considerar as intenções, os sentimentos e os significados que estão amplamente correlacionados com o cuidar.

Nas falas dos professores também é possível perceber a valorização da escuta das/os bebês, que são consideradas/os como centrais e protagonistas nas relações mais

explícitas de cuidado, o que revela que: “cuidado/educação não é uma simples justaposição de termos, mas um princípio educacional das ações institucionais de zero a seis anos e necessário às múltiplas dimensões humanas” (Sayão, 2005, p. 258).

Escute mais as crianças, tenha sempre as crianças como atores principais do seu trabalho, as ferramentas para o trabalho eles te dão. Eu acredito que todo o nosso trabalho se faça a partir da escuta, e de como você valoriza essa escuta. É preciso aprender a ouvir. Porque muitas vezes a gente escuta, mas não sabe o que eles querem dizer, mas eles dizem com gestos **(Entrevista com o Professor Alex).**

No momento da troca a criança vai chorar, vai se movimentar, vai dar sinais. Como os estudiosos dizem que você tem que conversar, tem hora que você tem que rir, tem hora que você tem que dar algum objeto, um brinquedo para ele se distrair, tem hora que você tem que acalmar. Então, na verdade, você trocar por trocar, é diferente de você trocar com conhecimento de causa. Porque eu sei que a criança está chorando, muitas vezes porque não me conhece; muitas vezes, porque está com a barriguinha doendo; muitas vezes, porque está com sono. Então, há um jeito de trocar, têm crianças que você troca tranquilamente, há crianças que se movimentam **(Entrevista com o Professor Elton).**

A visão de cuidado para e com a infância traz consigo a concepção de crianças como seres integrais, inteiros, constituídos de um corpo, de uma racionalidade, de emoções e de uma história de vida, de modo que se revela uma docência prazerosa de profissionais sensíveis, que se posicionam ao lado das/os bebês para dialogar e aprender com elas/es, desconstruindo a posição adultocêntrica apregoadada como valor na relação ‘professor x aluno’, própria da escola de Ensino Fundamental.

É sempre com diálogo. Normalmente a gente está sempre em uma proposta de atividade: solarium, brincando ou fazendo uma atividade, nós falamos: “Agora vamos usar o banheiro e trocar a fralda”. E eles vêm acompanhando a gente. Esse é um momento muito mágico. Eles vão aceitando, porque a gente tem esse diálogo de estar falando de tudo o que vai fazer com eles. Não simplesmente pegar, deitar e já tirar a fralda: “Vamos tirar a fralda?”; “Deixa eu pegar a sua mochila”; “Cadê a sua mochila?”. E ele aponta onde está a mochila **(Entrevista com a Professora Helena).**

É um prazer trabalhar com os bebês, é uma experiência em que aprendemos sempre. Tanto eles aprendem com a gente, quanto também a gente aprende com eles. É vivenciar cada momento com eles **(Entrevista com a Professora Reginalda).**

Tais questões revelam a necessidade da formação inicial e em serviço que dê subsídios teóricos para que as/os profissionais qualifiquem as suas práticas, profissionalizando suas ações, desmistificando seu fazer ao âmbito doméstico, com práticas ancoradas em ações legítimas de um fazer consciente e pedagógico.

Estudos sobre o cuidado realizado em creches e pré-escolas ajudam-nos a problematizar os modos de conduta socialmente naturalizados, pois consideram que o cuidado desenvolvido cotidianamente também se revela como parte da rotina, uma vez que envolve a repetição de atos, organização dos grupos de crianças que,

necessariamente, obedecem a uma certa regularidade. As pesquisas destacam que o cuidado ainda tem uma forte marca da maternagem na Educação Infantil e que ao pensar no professor homem como docente, que exerce os cuidados, revela-se a existência de outras formas de cuidar/educar, alertando que cuidar não é uma prerrogativa das mulheres e que a maternagem se aprende no fazer diário (Silva, 2014).

Isso revela que, a “profissionalização e a politização é um dos desafios da docência, sobretudo na Educação Infantil, que ainda reflete contradições estruturais da cisão entre educar e cuidar” (Faria; Silva, 2021, p. 27). Por isso, incorporar o cuidado e a atuação das duplas educativas nos debates dos cursos de graduação em Pedagogia, revela-se um desafio. Trazer essa discussão na formação docente possibilita avançar em relação às ambiguidades presentes na expressão cuidar/educar, envolvendo as questões de gênero.

SOBRE APRENDER A CUIDAR E AS DISPARIDADES DE GÊNERO

As ações de cuidado como práticas culturais historicamente construídas e transmitidas de uma geração a outra, são consideradas: “características socialmente atribuídas à feminilidade, mas que não se repete idêntica na contemporaneidade, é ressignificada no contexto das novas formas de gestão do trabalho docente” (Carvalho *et al.*, 2020, p. 217). É preciso refletir que a: “divisão sexual do trabalho produz e reproduz a assimetria entre práticas femininas e masculinas, constrói mecanismos de sujeição e disciplinamento das mulheres, produz e reproduz a subordinação de gênero de dominação” (Souza-Lobo, 1991, p. 171). Desse modo, são práticas que necessitam ser problematizadas numa dimensão profissional nos cursos de formação docente inicial e continuada, levando em consideração as especificidades do trabalho educativo na creche e as desigualdades de gênero.

Nas entrevistas, professoras e professores compartilharam suas percepções sobre os modos como aprenderam a cuidar, uma ação indissociável do educar e uma especificidade importante para quem exerce a docência com a primeiríssima infância. As falas das entrevistas assumem, algumas vezes, uma posição binária fixa na qual os significados de homem e de mulher são determinados, como justificativas para as ações que fogem dos scripts de gênero, provocando uma certa confusão de papéis:

Eu aprendi porque eu tinha sobrinhos em volta. Eu aprendi a trocar fraldas com meus sobrinhos. (Entrevista com a Professora Reginalda).

Vejo que ele é muito carinhoso com as crianças. Às vezes ele nem gosta de chamar a atenção. Por quê? Porque ele tem dó! Eu acredito que a gente, mulher, também é muito carinhosa, porque sou mãe. Então, por eu ser mãe, não só por eu ser mãe, eu acho que é o instinto da mulher ser muito carinhosa com outro, tratar o outro bem. E eu o vejo assim também, tratando muito bem as crianças (Entrevista com a Professora Reginalda).

As entrevistas apontam que para exercer a docência com bebês e crianças bem pequenas, professoras e professores fazem uso de uma “dupla presença” na casa e na creche, “dupla experiência” maternidade/paternidade (Ongari; Molina, 2003). Professoras e professores utilizam-se de vivências e conhecimentos elaborados no espaço doméstico e das experiências advindas com a paternidade ou com a maternidade. Quando não são mães ou pais, relatam a vivência realizando outros papéis sociais.

Quando iniciei eu já era pai, já tinha trocado meus filhos. Só que trocar criança de outra pessoa, é bem diferente. Então, aprendi a deitar no chão, coisa que eu tinha perdido lá com meus filhos. A rolar, a colocar a criança no colo (Entrevista com o Professor Elton).

Eu gosto de cuidar das crianças. Praticamente o que eu faço com os meus filhos em casa, é o que eu proporciono para as crianças na creche. Mas quando você vê uma criança pequena e você é pai, você vê seu filho lá quando você vai cuidar. “Eu vou cuidar dessa criança como meu filho”. Quando eu penso em cuidado, eu sempre penso nos meus filhos (Entrevista com o Professor Edmilson).

É importante destacar como “as reflexões que o docente vivencia na condição de pai e professor promovem uma interconexão entre as experiências que são mediadas pela reflexão teórica ou pela formação em serviço, levando-o a avançar na profissão e nas experiências pessoais” (Sayão, 2005, p. 199). Tanto essas experiências pessoais vivenciadas por professores homens, quanto as vividas por professoras mulheres, sendo mães, tias, avós, podem possibilitar reflexões e avanços na profissão, pois realizam uma interconexão de saberes.

Por outro lado, as falas das entrevistas também revelam disparidades de gênero, apresentando as relações de gênero por meio de um tratamento diferenciado que se atribui ao sexo na relação com essas duplas educativas. Deste modo, os professores homens que iniciam o trabalho na creche são recepcionados como pessoas não habilitadas para a função do cuidado, embora tenham sido aprovados no concurso público, pois são vistos como desconhecedores das práticas de cuidado, situação oposta acontece com a professora mulher:

Ela se aposentou no meio daquele ano e me mostrou o caminho que eu devia seguir. Por incrível que pareça, aquela senhorinha, que estava perto da

aposentadoria, me abraçou, ela me ensinou tanto a fazer a troca de fralda, a rotina toda foi apresentada, foi uma aula para mim. Foi a minha formação viva **(Entrevista com o Professor Elton).**

A princípio, as mulheres vão querer fazer tudo para os homens que trabalham na creche. Vão pensar que eles não sabem, não sabem isso, não sabem aquilo, não sabem lavar o bumbum. Eu me lembro quando eu entrei lá na creche, eu já fui direto trocar as crianças. Em nenhum momento alguém veio me falar: "olha é assim que troca", "é assim que tem que lavar". Não! Para mim não foi assim. O tratamento é diferenciado. Mas com o professor homem tiveram esse cuidado **(Entrevista com a Professora Reginalda).**

As entrevistas revelaram a complexidade das relações, enquanto ao homem é garantido o poder de aprender com sua dupla educativa, para a mulher a ação de cuidado é posta como prática adquirida pelo gênero.

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias de gênero (Louro, 1997, p. 24).

A professora Reginalda revela que existe um tratamento diferenciado para professores homens e professoras mulheres ingressantes na carreira do magistério do serviço público, isso porque a creche é um território majoritariamente feminino, vinculado à construção de um imaginário social que atribui às professoras e aos professores distintos modelos de atuação. Quando tratamos da relação de cuidado nas entrevistas, também percebemos o quanto os professores homens são questionados quanto à sua posição em relação aos cuidados com os corpos das crianças.

Teve uma mãe que no final do ano disse assim: "É professor, eu fiquei receosa de você trocar a minha filha, cuidar da minha filha, mas deu tudo certo, né?" **(Entrevista com o Professor Elton).**

Trabalhar no berçário é muito difícil por ter que lidar com as famílias, em matéria desse preconceito que existe com o homem. Sempre tem o questionamento: "Você vai trocar fralda do meu filho, da minha filha?" **(Entrevista com o Professor Alex).**

A mãe veio reclamar que nós não trocamos a criança. Mas eu não troquei porque a cuidadora que veio buscar ela disse que trocaria e como era hora da saída eu permiti. Mas a cuidadora mentiu para a mãe, disse que pegou a criança de xixi. Quando confrontei a informação, ela disse que não queria que eu trocasse porque sou homem. Disse: "Então, a conversa muda, pois isso é preconceito". Ela disse que não era preconceito. Respondi que aquilo era preconceito e que ela tinha gerado dois problemas: maus tratos com a criança e preconceito por eu ser um homem **(Entrevista com Professor Edmilson).**

Existe uma compreensão na sociedade de que os espaços da creche se constituem na ordem de hierarquização e subordinação de gênero, e este mecanismo é

naturalizado quando se têm os homens na docência com as crianças bem pequenas. Para Carvalho (2015, p. 96): “os espaços sociais são utilizados para elaborar papéis, refazer posições, repensar e reinventar atribuições sociais que, ao longo dos séculos, têm sido definidas como exclusivamente femininas ou masculinas”. Deste modo, não cabe ao homem exercer os cuidados com a higiene, mas à mulher. Coloca-se em dúvida a integridade e as intenções por detrás dessa relação de cuidado entre o professor homem e a criança, como se necessariamente houvesse um potencial “abusador” disfarçado no pretexto da docência (Silva, 2014).

Por outro lado, não se questiona a professora mulher sobre seu lugar no cuidado da criança, pois o relacionam a “tarefas exercidas por agentes subalternos, no léxico brasileiro têm estado associados com a submissão” (Guimarães; Hirata, 2020, p. 154) das mulheres racializadas e escravizadas. O cuidado é visto como menor e, por isso, é desvalorizado, como se quem o exerce não precisasse de formação, nem de diploma, pois ele compete a um tipo de pessoa que nasceu com dons para o exercer, a mulher que, com a maestria de dona do lar, saberá cuidar, pois também foi treinada para isso.

Segundo Carvalho (2015), os discursos generificados presentes nas obras de formação de professoras/es de Educação Infantil elaboram modos de exercer a docência com bebês e crianças bem pequenas. Tais discursos carregam relações de poder, a partir de com uma concepção “[...] tanto individualizante como totalizante – individualizante porque focalizam nos docentes a capacidade de se tornarem sujeitos afetivos, reflexivos e éticos, e totalizante porque universalizam tais verdades através da difusão de um conjunto de ensinamentos” (Carvalho, 2015, p. 98).

Ao realizar tais análises, problematizando os valores sexistas e homofóbicos de nossa sociedade, faz com que percebamos a organização e a especificidade do trabalho docente, no que diz respeito à sua essência que é o educar/cuidar. As narrativas que retratam o preconceito são construídas com base em características atribuídas ao feminino, alicerçadas na cultura e na sociedade, baseadas em modelos docentes embasados nas figuras, aceitas socialmente, paternal e maternal, como é possível analisar nos fragmentos das falas das entrevistas a seguir:

Vendo o colega de trabalho Manuel, ele sempre foi muito carinhoso com as crianças e aquele zelo era quase como um pai. Muito atencioso, não era a Aline quem estava cuidando, era ele. E eu dizia para mim, se eu for entrar na creche, eu tenho que saber fazer isso. Então, tudo aquilo que eu via ali não era comum no meu dia a dia (Entrevista com o Professor Elton).

O meu parceiro tem um instinto paternal muito forte, apesar de ainda não ser pai ele tem esse instinto de cuidar, de zelar pelas crianças, ele pensa no

desenvolvimento dessas crianças, eu vejo isso muito como instinto paternal (Entrevista com a Professora Aline).

A paternagem é utilizada como argumento de uma ação pedagógica confiável, tal perspectiva revela que não há outra possibilidade de estar com bebês e crianças bem pequenas que não seja pela conformação biológica do instinto, ou pela relação de parentesco com o pai. A pesquisadora Natalia Maroun (2015, p. 9) reconhece que: “alguns espaços podem estar refletindo uma feminilização dos cuidados sendo mais ou menos favoráveis à presença da figura paterna ou incluindo os homens de maneira diferenciada em relação às mulheres”. Desse modo, é necessário refinar o olhar em relação aos cuidados realizados pelos professores homens, evitando a reprodução de estereótipos de gênero de modo a não naturalizar as relações desiguais estabelecidas nestes contextos.

Nas falas das entrevistas, podemos perceber que a figura da mulher é tão normalizada, comum, natural, que não causa uma relação de dependência afetiva tão estreita quanto a de bebês e crianças bem pequenas com o professor homem. “Há uma ausência de reflexão acerca das práticas profissionais que relacionam gênero e cuidado” (Maroun, 2015, p. 71), por isso, as explicações se fixam no campo biologizante, explicações primárias pouco refletidas, mas culturalmente aceitas e introjetadas. São características, práticas e discursos considerados pela tradição como naturalmente masculinos e femininos, mas na realidade, são normas que têm como base a moral, a política, a história, a sociedade e a cultura concretizadas em esforços diversos para distinguir corpos, comportamentos e habilidades (Finco, 2016).

Conforme aponta Saporoli (1997), podemos entender a paternagem como uma “habilidade escondida”, relacionada a um “espírito paterno” como revela as falas do professor Elton e da professora Helena, envolvendo a presença do professor homem na Educação Infantil ao assumir a profissão, uma vez que a configuração criada pelo patriarcado é a de quem coloca ordem na casa, impõe regras e limites - uma figura de poder e de respeito:

É uma questão de oportunidade para o homem, para ele fazer valer, aquele espírito que ele tem, que é o espírito paterno. Não é só a mãe que tem espírito materno, o homem tem espírito paterno, e têm pais muito bons. Têm professores muito bons (Entrevista com o Professor Elton).

Muitos desses professores homens exercendo seu trabalho com crianças, são pais. E como eles cuidam das filhas deles? Como eles cuidam dos filhos deles? Não seria talvez da mesma maneira? (Entrevista com a Professora Helena).

O discurso é possivelmente moldado para justificar concepções, a díade mãe-filho e a ideia de substituta materna, entretanto, a figura de professor homem paternal

(Saparolli, 1997; Sayão, 2005) parece ser valorizada pelas pessoas que se relacionam com a creche. Já a figura da professora mulher maternal sofre nuances, ora positiva, pois é atrelada ao divino, ora negativa, pois faz referência ao não profissionalismo (Carvalho et. al., 2020). “Um aspecto importante é acreditar que, na condição de profissionais, homens e/ou mulheres fomos nos educando nessa interação e isso talvez seja um aspecto fundamental que diferencia os cuidados domésticos dos cuidados realizados na instituição” (Sayão, 2005, p. 204).

Como apontado pela pesquisa de Sayão (2005) sobre professores homens na Educação Infantil, também verificamos na pesquisa que o discurso de ser pai coloca os professores no lugar dos que têm conhecimento sobre a Educação Infantil, dando certa credibilidade ao seu fazer pedagógico. É interessante perceber que as professoras não utilizam as habilidades maternas para justificar suas ações pedagógicas, nem falam de suas habilidades maternas como docentes de bebês e crianças bem pequenas, justamente porque vem-se construindo a visão da professora de bebês como uma profissional, tentando desvincular do caráter doméstico e desatrelar da esfera do privado e das ações instintivas e improvisadas, características que se aproximam do modelo assistencialista que, ainda hoje, é muito criticado. Porém, entre os professores homens entrevistados está presente essa justificativa: a paternagem é utilizada como argumento de uma ação pedagógica confiável.

A análise das entrevistas, portanto, evidencia que a prática docente ainda é fortemente atravessada por construções sociais relacionadas ao maternal e ao paternal. As professoras frequentemente são associadas a funções de cuidado e afetividade, enquanto os professores enfrentam resistências e estigmas ao desempenhar papéis semelhantes. No entanto, a experiência da codocência possibilita a ressignificação desses papéis, criando espaços de negociação e de complementaridade.

Diante do que foi analisado, considera-se que há profissionais com diferentes e distintas formações, vivências e concepções que necessitam ser refletidas e debatidas. Deste modo, a formação em serviço pode se apresentar como construção coletiva de saberes fundamentais à profissão docente na creche. Para Campos (1994, p. 38), o “fato de conviverem lado a lado no trabalho direto com as crianças cria condições para que aqueles com menor qualificação aprendam com os mais experientes e/ou mais bem treinados”. Para a mesma autora, as/os profissionais que atuam na Educação Infantil necessitam de um novo tipo de formação, baseada numa concepção integrada de desenvolvimento e Educação Infantil, que não hierarquize atividades de cuidado e

educação, e não as segmente em espaços, horários e responsabilidades profissionais diferentes.

Discutir essas questões que operam de maneira minuciosa na organização do trabalho educativo das creches, envolvendo o trabalho das duplas educativas, trazendo professoras mulheres e professores homens como sujeitos desses discursos, permite compreender que a creche é o lugar privilegiado para a luta pelos direitos humanos, na qual as questões de gênero, de raça e etnia, de geração e de idade, de cuidar/educar, dentre tantas outras, podem (e devem) ser discutidas e fomentadas.

CONSIDERAÇÕES

Os resultados da pesquisa sinalizaram para a importância de se refletir sobre os processos educativos e sobre as mudanças nos papéis sociais relacionadas com as transformações contemporâneas do patriarcado. Também provocam a pensar nas transformações nos contextos familiares, assim como, no avanço e nas contribuições dos estudos e dos movimentos feministas para pensarmos a ação pedagógica e o exercício da docência nas creches (Finco *et al.*, 2015).

Considerando que as mulheres, no interior da maioria das famílias, ainda seguem responsáveis pela provisão do cuidado, marcadas culturalmente como possuidoras de habilidades naturalizadas, elas perpetuam mitos fundamentais de serem desvelados em nossa sociedade (Marcondes, 2015). É necessário enxergar nessas microrrelações os processos de reprodução das desigualdades de gênero, como forma de superar a concentração de mulheres e homens em determinadas profissões consideradas femininas e masculinas.

Investigar docentes que exercem na dupla educativa o cuidado e a educação de bebês e crianças bem pequenas tornou possível compreender a complexidade e as contradições na constituição das identidades docentes na creche, diante do desafio de superar uma visão bipolar hegemônica em nossas relações e em nossas formas de pensar:

A constituição do eu e as relações sociais que marcam essas características, é preciso recorrer a esses modos de ser e pensar lineares, hierárquicos e binários. Mas também é necessário ultrapassá-los e buscar a diversidade caracterizadora da identidade docente, considerando o cotidiano escolar de professores e professoras não como determinismos locais fragmentados, e sim como um importante aspecto da organização social formadora de professores e professoras como sujeitos contraditórios e capazes de superar essa visão bipolar hegemônica (Vianna, 2001, p. 94).

Os resultados da pesquisa revelam como as desigualdades de gênero permanecem evidentes na profissão docente na creche, como se manifestam no cotidiano e repercutem na atuação direta com bebês e crianças bem pequenas, e quais os entraves percebidos nessa relação, tendo o cuidado com a relação corpo a corpo e o afeto, ainda poderem ser enxergados como terrenos proibidos aos homens. Destacam a necessidade de compreender os processos de reprodução destas desigualdades de gênero na Educação Infantil e os processos para sua desconstrução. Além disso, mostram a importância da reflexão sobre as possibilidades de transformação na direção da construção de um projeto de sociedade mais democrático, a partir do debate de uma temática pouco discutida e invisibilizada nos documentos oficiais e nos cursos de formação docente.

Este percurso reflexivo permite compreender as mudanças e as permanências na profissão docente de creche, ressaltando a consolidação de uma formação docente que abrange uma “pedagogia dos pequeninos” (Bondioli; Mantovani, 1998). Que considere as diversas dimensões que envolvem as habilidades profissionais para o cuidado, num projeto educativo para a Educação Infantil e que permita considerar como essa experiência reverbera no trabalho coletivo. Isso permite compreender também, como mulheres e homens se envolvem na educação e no cuidado de bebês e crianças bem pequenas, problematizando a divisão sexual do trabalho diante das concepções e práticas educativas e de cuidado presentes no cotidiano das creches.

Cabe questionar o lugar do professor homem exercendo a docência da primeiríssima infância, sendo o público-alvo bebês e crianças bem pequenas que necessitam de cuidados específicos, para pensar na codocência enquanto processo de construção social de significados de gênero. O fato de, mesmo em menor proporção, ter professores homens trabalhando em uma área construída com tantos estereótipos, já contribui para descolar os aspectos biologizantes utilizados como justificativa e colocar a discussão na esfera do discurso dos significados socialmente atribuídos às diferenças que se percebe entre os sexos.

Trata-se de pessoas do sexo masculino, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associadas à feminilidade e, uma vez que a estreita correlação entre feminilidade e mulheres, masculinidade e homens também é um pressuposto estabelecido, são igualmente expectativas, conceitos e tarefas estreitamente associadas às mulheres (Carvalho, 1999, p. 88).

Por fim, alertamos para a importância de pensar estratégias de ampliação da corresponsabilização e da codocência, para o enfrentamento das desigualdades de gênero; identificando possibilidades e caminhos que ajudam favorecer a presença e a

permanência de professores homens, junto às professoras mulheres na Educação Infantil, com o intuito de contribuir para o reconhecimento desta profissão docente para além dos estereótipos de gênero.

A docência compartilhada entre mulheres e homens na creche evidencia tanto as desigualdades quanto as possibilidades de mudança nas relações de gênero. Destaca-se a necessidade de consolidar estratégias institucionais que fortaleçam a corresponsabilização e a codocência, reconhecendo a creche como espaço de resistência e de transformação social.

Olhar para as relações das duplas educativas, composta por professoras mulheres e professores homens, pode contribuir para a formação política, ética e estética de ambos, de bebês e crianças bem pequenas, além de evidenciar as experiências e relações entre homens e mulheres que exercem o cuidado e a educação. Ao buscar pistas sobre como vem se constituindo as relações de gênero na Educação Infantil e sobre como essas relações influenciam na organização do trabalho educativo da creche, percebemos como as relações indicam a feminização docente contida na diluição da separação tradicional entre masculino/feminino, público/privado, racional/afetivo, quando se trata das práticas nesta etapa da educação (Vianna, 2013).

Parece que ainda se faz necessário problematizar a creche como um espaço sociocultural complexo, um palco de tensões entre papéis sociais e funções sociais (Prado, 2021), em que as diferentes identidades se encontram e se confrontam visando o respeito às diferenças e rompendo com os preconceitos. Faz-se necessário, portanto, seguir debatendo crítica e amplamente, com pesquisas e com ações coletivas, o cuidado como dimensão de compromisso social, educativo e político, realizado por mulheres e homens, favorecendo para a eliminação das desigualdades de gênero.

Desta forma, as duplas educativas entre professoras mulheres e professores homens na creche podem desconstruir uma dicotomia binária nas relações e na vigilância de gênero e abrir caminhos para problematizar o maternal e o paternal, rompendo com a essencialização do cuidado e ressignificando o educar como uma responsabilidade profissional, ética e social. Como espaço de ruptura, portanto, a codocência, nesta perspectiva, pode instituir a desterritorialização de gênero, em que a professora e o professor juntos partilham todas as propostas de educação e cuidado indissociáveis e sem distinção, num exercício de profissionalismo e de humanidade compartilhado, oferecendo às/aos bebês uma Educação Infantil não sexista.

REFERÊNCIAS

BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de Educação Infantil**: de 0 a 3 anos - uma abordagem reflexiva. 9. ed., Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BUFALO, Joseane Maria Parice. O imprevisto previsto. **Pro-Posições**. Campinas, v. 10, n.1(28), p. 119-131, mar. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644104/11542>. Acesso em: 23 fev. 2026.

CAMPOS, Maria Malta. Educar e Cuidar: Questões Sobre o Perfil do Profissional de Educação Infantil. In: **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994, p. 31-42.

CARVALHO, Marília Pinto. **No coração da sala de aula**. Gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CARVALHO, Marília Pinto. *et al.* As professoras e a nova gestão pública: entre o cuidado e as metas. In: VIANNA, Claudia Pereira; CARVALHO, Marília Pinto (Orgs.). **Gênero e educação**: 20 anos construindo conhecimento. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 201-235.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. A generificação da docência na Educação Infantil: desconstruindo lições presentes em livros e formação de professores/as. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Márcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (Orgs.). **Creche e Feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil - ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, 2015, v. 1, p. 95-114.

DEWES, João Osvaldo. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling**: uma descrição de métodos. Monografia (Bacharel em Estatística). Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, dez. 2003.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; SILVA, Adriana Alves da. A potência do cuidado na feminização docente: divisão sexual do trabalho e politização feminista para atravessar a pandemia. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 61, p. 25-40, 2021.

FARIA, Michelle Gonçalves do Nascimento. **Duplas educativas nas creches da rede municipal de São Paulo**: desafios de gênero para a codocência. Dissertação (Mestrado), Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/70817>. Acesso em: 05 set. 2024.

FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FINCO, Daniela. A presença dos professores homens na Educação Infantil: desafios atuais da luta contra as violências de gênero. **Revista Pátio**: Gênero e Infância, Porto Alegre, 11 jun. 2016.

FINCO, Daniela; GOBBI, Márcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (Orgs.). **Creche e Feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, v. 1, 2015.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. **O gênero do cuidado**: desigualdades, significações e identidades. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

HADDAD, Lenira. **A ecologia da Educação Infantil**: Construindo um modelo de sistema unificado de cuidado e educação. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.48.1997.tde-02122005-101723>. Acesso em: 23 fev. 2026.

HOYUELOS, Alfredo. compartilhar o trabalho: a dupla educativa. In. HOYUELOS, Alfredo; RIERA, Maria Antonia. **Complexidade e relações na Educação Infantil**. Tradução: Bruna Heringer de Souza Villar. São Paulo: Phorte, 2019, p. 117-147.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 8 ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCONDES, Mariana Mazzini. A política de creches do PAC-2 e o cuidado: análise na perspectiva da indivisibilidade e interdependência de direitos 2015. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Márcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (Orgs.). **Creche e Feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015, p.115-135. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348372321_Creche_e_Feminismo_desafios_atuais_para_uma_educacao_descolonizadora/link/5ffb6ad5a6fdccdcb84656ac/download?tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19 Acesso em: 23 fev. 2026.

MAROUN, Natalia. **Homens e masculinidades na perspectiva do cuidado**: o desafio da ótica de gênero na Proteção Social. Dissertação (Mestrado), Escola de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/23726>. Acesso em: 23 fev. 2026.

ONGARI, Bárbara; MOLINA, Paola. **A educadora de creche**: construindo suas identidades. Tradução de Fernanda L. Ortale e Ilse Paschoal Moreira. São Paulo: Cortez, 2003.

PRADO, Patrícia Dias. **Educação e culturas infantis**: crianças pequenininhas brincando na creche. 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2021.

PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares. Masculinidades, feminilidades e dimensão brincalhona: reflexões sobre gênero e docência na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas, v. 30, p. 1–21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8658099>. Acesso em: 18 abr. 2026.

PRADO, Patrícia Dias; ANSELMO, Viviane Soares; FERNANDES, Isabela Signorelli. Professores homens da Educação Infantil: narrativas e (des)encontros entre corpos, brincadeiras e cuidados. **Zero-a-Seis**. Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 605-631, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p605>. Acesso em: 05 mai. 2026.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **Educador Infantil: uma ocupação de gênero feminino**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: um estudo de professores em creche. Tese (Doutorado), Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em <https://ceved.org.br/media/biblioteca/4027539.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2026.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2014.936983>. Acesso: 23 fev. 2026.

SOUZA-LOBO, Elisabeth Garcia. **A classe operária tem dois sexos**. Trabalho, dominação e resistência. Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero na docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.17/18, p. 81-103, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100003>. Acesso em: 23 fev. 2026.

VIANNA, Cláudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Coord.) **Trabalhadoras** – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013, p. 159-180.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

DUPLAS EDUCATIVAS NA CRECHE: PROBLEMATIZANDO O MATERNAL E O PATERNAL NA CODOCÊNCIA COM BEBÊS

Educational pairs in daycare: problematizing the maternal and the paternal in co-teaching with infants

Michelle Gonçalves do Nascimento Faria

Mestrado em Educação
Rede Municipal de Educação de São Paulo
São Paulo, Brasil
michelle.faria@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-7910-6232>

Daniela Finco

Doutorado em Educação
Universidade Federal de São Paulo
Departamento de Educação
São Paulo, Brasil
dfinco@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5731-1091>

Patrícia Dias Prado

Doutorado em Educação
Universidade de São Paulo
Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada
São Paulo, Brasil
patprado@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-8790-1594>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Giuseppe Tartini, n. 15, Jardim São Bernardo, CEP: 04844-300, São Paulo, SP, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), à Rede Municipal de Educação de São Paulo (RME-SP) e aos Centros de Educação Infantil (CEIs) investigados, especialmente, às professoras e aos professores colaboradoras/es da pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), por possibilitar o aprofundamento desta pesquisa, atualmente, no doutorado.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. G. N. Faria, D. Finco, P. D. Prado

Coleta de dados: M. G. N. Faria

Análise de dados: M. G. N. Faria, D. Finco

Discussão dos resultados: M. G. N. Faria, D. Finco, P. D. Prado

Revisão e aprovação: M. G. N. Faria, D. Finco, P. D. Prado

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Aprovação do Comitê de Ética, número do parecer: 4759372, 08 de junho de 2021.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 30-03-2026 – Aprovado em: 05-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026